



Continuar Portugal

Boletim Juvenil On-Line

Ano I – Nº 5 – 2014 MAIO

SALAZAR disse ...

«É erro crasso alimentar no nosso espírito a ideia de que para cada finalidade e em cada emergência só há uma solução ou mesmo só uma solução boa. A teoria do único deve ser varrida da política que por exigências várias é o terreno das fórmulas múltiplas e das combinações possíveis».

Nota da Presidência do Conselho de 5 de Junho de 1951.

... /// ...

O MUNDO PORTUGUÊS

Livro de Leitura para o
Ensino Técnico Profissional

A LÍNGUA PORTUGUESA

A Língua Portuguesa tem origem no latim vulgar, trazido pelos Romanos para a Lusitânia e aqui modificado. Outras línguas se desenvolveram do latim vulgar. O conjunto de todas, forma a família românica ou novolatina.

O latim vulgar, na essência, não era diferente do latim literário ou latim propriamente dito, o que não quer dizer que os escritores escrevessem, exactamente, a língua do povo.

Deve entender-se que em todas as nações, onde se cultivam as letras, as pessoas cultas podem servir-se de expressões, distinguir sons e usar vocábulos diversos dos das pessoas incultas.

O português é falado em grande área, no continente e ilhas adjacentes, em algumas partes da raia espanhola, no Brasil, nas nossas províncias ultramarinas e em várias outras regiões da Ásia, da África, etc. Também outrora foi falado em cidades da Itália, da França, da Inglaterra, da Alemanha, da Holanda, pelos judeus de origem portuguesa.

(Continua¹ 1de2)

NOÇÕES DE GEOGRAFIA

(Ensino Primário Elementar)

Pontos cardeais e colaterais. Orientação pelo Sol

Orientação. Pontos cardeais e colaterais

Nascimento e ocaso do Sol

ORIENTAÇÃO

Quando precisamos dirigir-nos de um para outro lugar, não o podemos fazer ao acaso, sob pena de nos perdermos no caminho. Temos, por isso, necessidade de tomar um guia que nos conduza ao Termo da nossa viagem e que assim nos dê a conhecer a situação de qualquer lugar. Esse guia é o Sol.

Se observarmos o Sol no seu movimento aparente veremos que todos os dias, de manhã, se levanta ou nasce sempre do mesmo lado do horizonte; em seguida sobe no céu a uma altura maior ou menor, conforme as diferentes épocas do ano, e depois vai descendo até se ocultar no horizonte do lado oposto ao do nascimento.

Ao lado onde nasce o Sol deu-se o nome de **Nascente, Oriente, Leste** ou **Este**; e ao lado onde se oculta o de **Ocidente, Poente** ou **Oeste**.

(Continua² 1de6)

(Continuação¹ 2de3)

Em tão grande extensão territorial não pode esperar-se que exista uniformidade idiomática. De facto, no continente há variações dialectais do norte para o sul: o Minhoto, o Transmontano, o Beirão, falam de um modo ou de muitos modos; os meridionais — Estremenhos, Alentejanos, Algarvios, falam de outro ou outros. Nas ilhas, Açores e Madeira, para onde o português foi levado pelos marinheiros e colonizadores do século XV, notam-se variações análogas. Com a propagação da nossa língua, nas regiões longínquas de além-mar, ela cindiu-se muito desvairadamente: aqui ouvimos o falar brasileiro, ali os romances crioulos da costa e arquipélagos de África, mais além os de Ceilão, da Índia e do Extremo Oriente. Grande povo que assim deixou a sua alma, «por o Mundo em pedaços repartida»! Vigorosa língua, que no decurso de cinco séculos tem resistido, mais ou menos, ao embate de outras e servido para exprimir as crenças, as paixões, as ideias das mais desencontradas nações da Terra!

LEITE DE VASCONCELOS —
Lições de Filologia Portuguesa

(Continuação² 2de6)

As direcções do nascente e do poente já servem para nos indicar a situação de muitos lugares; assim quando dizemos que a maior parte da Espanha está a Leste de Portugal, queremos significar que para irmos para aquele país devemos caminhar para o lado donde nasce o Sol; inversamente, Portugal está situado ao ocidente da maior parte da Espanha.

Supunhamos agora que estendemos horizontalmente os braços e nos colocamos de modo que fiquemos voltados para o nascente (fig. 1);

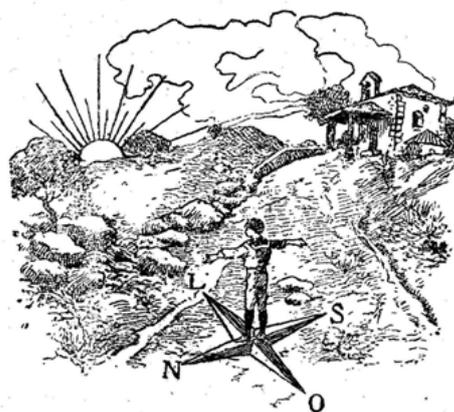


Fig. 1 – Orientação pelo Sol

a nossa mão esquerda dirigir-se-há para o norte, a mão direita para o sul, nós estaremos de costas para a direcção do poente. As quatro direcções, **Norte** (N), **Sul** (S), **Nascente** (E ou L), e **Poente** (O ou W) são denominadas os quatro **pontos cardeais**. Vemos pois que nos basta conhecer um dos pontos cardeais para podermos determinar os outros; mas como, pelo menos de dia é mais fácil conhecer o oriente, por isso a determinação dos pontos cardeais se chama **orientação**.

Os campanários das igrejas e os telhados de certos edificios elevados

(Continua²)

(Continuação² 3de6)

costumam ter uma cruz de ferro, cujas pontas são orientadas segundo os quatro pontos cardeais se acham marcadas com letras que os designam, N, S, E, O, (fig. 2). Por cima da cruz gira livremente, obedecendo às correntes de ar, uma figura qualquer, um gaio, uma seta, etc., também de ferro.

Este aparelho serve para nos indicar de que lado sopra o vento e chama-se, por isso, **catavento**.



Fig. 2 – Catavento

As quatro direcções dos pontos cardeais não bastam para podermos marcar a situação dos lugares intermediários; para isso empregam-se muitas outras direcções intermédias, das quais precisamos conhecer as quatro principais que se chamam **pontos colaterais** e que se designam do seguinte modo: **Nordeste** a de entre o norte e o leste (NE); **Noroeste** a de entre o norte e o oeste (NO ou NW); **Sueste** a de entre o sul e o leste (SE); **Sudoeste** a de entre o sul e o oeste (SO ou SW) (fig. 3).

(Continua²)

(Continuação² 4de6)

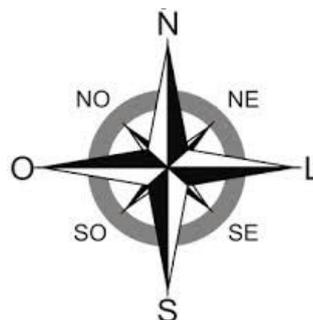


Fig. 3 – Pontos colaterais

Orientação pelo relógio — De dia e em qualquer lugar do nosso país nos podemos orientar pelo relógio. Para isso devemos ter o mostrador em posição horizontal tendo o ponteiro das horas voltado para o lado onde está o Sol. O ponto cardinal Sul é indicado pelo ponto do mostrador que está situado no ponto médio do arco que vai da hora marcada pelo relógio à hora em que o mostrador marca o meio-dia. Se, por exemplo, forem oito horas da manhã, o sul fica da direcção do ponto onde o relógio marca as dez horas.

NARRATIVA – *Orientação pela bússola e pela estrela polar.* Não são apenas os viajantes que se aventuram pelo interior de terras desconhecidas e os navegantes, obrigados a encontrar o rumo do seu navio na extenso enorme das águas, que precisam saber orientar-se bem. Para esses é uma questão de vida ou de morte; e, além da orientação pelo Sol, sabem guiar-se pela posição de certas estrelas e, principalmente, pela preciosa agulha que aponta sempre a direcção do Norte e se chama **bússola** (fig. 4). Mas, todas as pessoas que não queiram passar por ignorantes por mais ignorantes mesmo que os homens do

(Continua²)

(Continuação² 5de6)

campo, têm necessidade de conhecer, pelo menos, as oito direcções ou **rumos** a que já demos os nomes de, pontos cardeais e colaterais.



Fig. 4 – Bússola

Desse conhecimento tiram-se grandes vantagens tais como a da previsão do tempo pela direcção de certos ventos que anunciam frio ou chuva; e basta olharmos para a (fig. 3), onde se acham representados esses oito rumos sobre o desenho do nosso país para ficarmos logo sabendo que a província do Algarve, por exemplo, está ao sul de Portugal e que a maior parte da do Douro fica situada a noroeste.

Finalmente, de noite, a orientação pode fazer-se tomando por guia a **Estrela Polar**.

Esta estrela indica sempre a direcção do norte.

Está situada na extremidade de um grupo de estrelas, ou **constelação**, chamada a **Ursa Menor**.

A **Polar** encontra-se no prolongamento das duas últimas estrelas de uma constelação muito brilhante, formada de sete estrelas, que se encontra facilmente no céu e que se chama a **Ursa Maior** (fig. 5).

(Continua²)

(Continuação² 6de6)

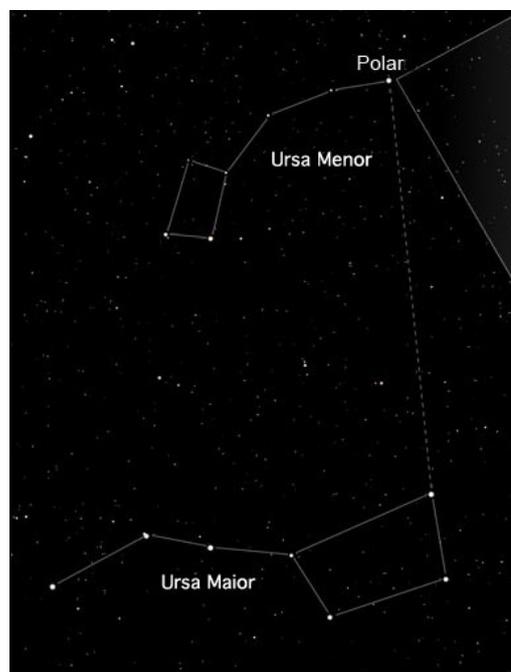


Fig. 5 – A Estrela Polar

3^a e 4^a Classes
por
Acácio Guimarães